



## RESQUÍCIOS DA COLONIZAÇÃO PORTUGUESA EM ANGOLA - O OLHAR DE PEPETELA EM O PLANALTO E A ESTEPE (2009)

Patricia Loch Ramalho<sup>1</sup>, Fabiane Carniel<sup>2</sup>, Claudia Vanessa Bergamini<sup>3</sup>

**RESUMO:** O presente trabalho teve como objetivo analisar a obra *O Planalto e a Estepe*, do escritor angolano Pepetela. Foram analisados aspectos sociais, culturais, políticos e artísticos presentes na obra. O preconceito étnico racial, aos indícios do pseudo-comunismo/socialismo, por meio do qual o autor realiza fortes críticas e denúncias, evidenciando, assim, a descrença no modelo político-econômico adotado e as poucas perspectivas de transformação da realidade social, focalizando a ligação da corrupção e da desilusão diante dos movimentos revolucionários socialistas. Também foram analisadas as raízes poéticas na obra. Foram analisados, ainda, os aspectos históricos presentes na obra, bem como a influência da colonização portuguesa, a crítica do autor ao processo colonizador e como o contexto da atualidade angolana foi afetado diante das dificuldades encontradas no passado. Ainda nessa perspectiva, por meio da biografia do autor, foram indicados fatos que contribuíram para a veracidade da obra, aproximando-a da vida real.

**PALAVRAS-CHAVE:** Angola; colonização; Pepetela; Pós-colonialismo.

### 1 INTRODUÇÃO

A fim de ampliar os conhecimentos em relação às Literaturas Africanas Lusófonas, visto que, tanto a Lei 10.639/03 e posteriormente a Lei 11.645-08 tornaram obrigatório o ensino de tais Literaturas nas escolas brasileiras, a qual ainda inclui o ensino da História e Cultura Africana no currículo das mesmas, foi escolhido a presente temática, que teve como objetivo analisar as consequências da colonização portuguesa em Angola, as quais são discutidas no romance *O Planalto e a Estepe*, do escritor angolano Pepetela, publicado em 2009. Trata-se de um romance que narra a história de Júlio Pereira e Sarangerel. Ele, um estudante angolano, entusiasmado com a revolução e com o intuito de levar seus preceitos socialistas para Angola. Ela, uma jovem mongol, filha de um importante ministro da Mongólia, a moça sonhava com um mundo mais justo. Neste romance, Pepetela mistura a ironia e o sentido crítico por meio da escrita de análise histórica dos acontecimentos, retratando as tensões ideológicas na constituição das lutas pelo socialismo, assim como uma reflexão profunda e sensível sobre as desilusões partidárias e os limites das ideias, frente às práticas. O romance aborda questões que foram fortemente debatidas ao longo do processo de libertação das colônias europeias em África, sobretudo, as diversas faces do racismo, arraigado de tal forma nas sociedades patriarcais da Europa que se manifestavam nas mais imprevisíveis pessoas, dentro dos grupos mais libertários e de forma ainda truculenta. O autor consegue unir duas reflexões de forma poderosa: os males da intolerância racial e os problemas internos dos movimentos de esquerda, enfatizando a construção do discurso literário, que abarca, nesta obra, aspectos culturais, sociais, políticos e religiosos. O foco deste estudo recai sobre os vestígios da influência portuguesa na cultura angolana, assim como em observar a crítica do autor ao processo colonizador. A leitura cuidadosa do livro aponta aspectos inerentes ao contexto histórico em que se passa a narrativa, como a questão do pseudo-comunismo, criticada pelo autor, por meio da qual se evidencia a descrença no modelo político-econômico adotado e as poucas perspectivas de transformação da realidade social, focalizando a ligação da corrupção e da desilusão em face de um regime que se autoproclamava quase perfeito, mas que no final mostrou viver submerso nos mesmos erros a que tanto criticava. Com base em pesquisa bibliográfica e por meio da leitura analítica do romance, objeto deste estudo, observa-se que o trabalho artístico com a linguagem atrela questões históricas à literatura, com ênfase nas transformações que Angola viveu desde a luta pela construção de seu nacionalismo até todos os percalços dele resultantes.

<sup>1</sup> Acadêmica do Curso de Letras (EAD) do Centro Universitário Cesumar – UNICESUMAR, Maringá – Paraná. Programa de Bolsas de Iniciação Científica da UniCesumar (PROBIC). patricialochramalho@hotmail.com

<sup>2</sup> Orientadora e Coordenadora do curso de Letras (EAD) do Centro Universitário Cesumar – UNICESUMAR, Maringá – Paraná. Mestre em Educação pela Universidade do Oeste Paulista; Especialista em Docência no Ensino Superior pelo Centro Universitário de Maringá. Possui graduação em Letras - habilitação Português/Espanhol pelo Centro Universitário de Maringá. fabiane.carniel@unicesumar.edu.br

<sup>3</sup> Co-orientadora e Professora Formadora do curso de Letras (EAD) do Centro Universitário Cesumar – UNICESUMAR, Maringá – Paraná. Doutoranda em Letras - Unesp - Campus Assis; Mestre em Letras - Estudos Literários pela Universidade Estadual de Londrina (2010-2012), Especialista em Literatura Brasileira pela mesma instituição (2008) e graduada em Letras Hispano-Portuguesa também pela UEL. claudia.ber@hotmail.com



Partindo desses pressupostos, elaborou-se este estudo, por meio do qual se almejou uma melhor compreensão do discurso literário, elaborado a partir do olhar crítico do escritor que, com sutileza, remete o leitor ao pseudouniverso socialista da Europa e de Angola. A obra *O Planalto e a Estepe*, que é baseada em fatos verídicos, une a ficção e a realidade, abordando questões políticas, religiosas, raciais e culturais. Partindo da África, passando pela Europa e Ásia. Sob a perspectiva do autor, que vivenciou a fase da luta pela libertação de Angola da ditadura portuguesa, o leitor depara-se com questões de cunho racial, político e social, adentrando as problemáticas que permeiam um país colonizado.

## 2 MATERIAL E MÉTODOS

A pesquisa foi realizada com base em fontes bibliográficas e elaborada a partir de materiais como livros, teses, artigos, documentos e materiais disponibilizados em formato *online* condizentes com o tema. O *corpus* foi constituído com base na obra *O Planalto e a Estepe-Pepetela (2009)*, configurando-se esta pesquisa de caráter bibliográfico.

## 3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

### 3.1 VIDA E OBRA DO AUTOR

O escritor angolano Artur Carlos Maurício Pestana dos Santos, mais conhecido como Pepetela, nasceu em Benguela, na Angola, em 1941, é descendente de portugueses, porém, seus pais eram angolanos de nascimento.

Em 1958, muda-se de Benguela para Lisboa, onde inicia seu curso superior em Engenharia, que frequenta até 1960, mas em 1961 transfere-se para o curso de Letras. Nesse período torna-se militante assíduo do MPLA, e atua junto às frentes de batalha, participando ativamente da Guerra Colonial pela Independência da Angola de Portugal e conseqüentemente o fim da ditadura de António de Oliveira Salazar, durante esse período chegou a ser enviado para um exílio na França e na Argélia, onde concluiu o curso de Sociologia. Em 1975 com a Independência de Angola, foi nomeado Vice-Ministro da Educação no governo de Agostinho Neto. Sua ascensão veio em 1997, quando recebeu o Premio Camões de Literatura, um dos prêmios mais importantes do cenário literário em língua portuguesa, concedido pelos governos do Brasil e de Portugal, entre outros prêmios e títulos que acumula por toda a Europa. Sendo assim, reconhecido e consagrado como um nome significativo da literatura contemporânea do idioma português. Špánková (2014), define Pepetela como um autor que domina as técnicas da ficção contemporânea e as conjuga à tradição. Focando o seu trabalho na reconstrução do passado mítico, revela-se como um dos construtores mais eficientes da ideia de nação. Para Leite (1977):

Pepetela se assume corajosamente como um construtor de mitos, fundamentando a desconstrução de mitos políticos pela construção de um mito cultural, que os seus romances revelam e desocultam ao enveredar pelas teias de uma história por narrar. O escritor angolano atravessa o seu tempo com uma outra importantíssima arma na mão: a reconstrução do passado mítico, uma das pontes para a construção da ideia de nação no país presente (LEITE, 1977 apud GOMES; CAVACAS, 1997, p. 292).

O pós-colonialismo é a corrente literária adotada por Pepetela, mesmo antes da Independência de Angola ser alcançada, o autor já reunia em sua biografia obras que faziam críticas ao processo colonizador, posteriormente, com a Independência declarada, o autor passou a se utilizar de suas obras para criticar dessa vez também o MPLA, obras como *Predadores*, e a obra objeto desse estudo *O planalto e a estepe*, são exemplos de como o tema é recorrente nos livros do autor. Atualmente, Pepetela é docente da Faculdade de Arquitectura da Universidade Agostinho Neto em Luanda.

### 3.2 AS DIVERSAS FACES DO PRECONCEITO ETNICO-RACIAL:

Na história da humanidade, a desigualdade faz-se presente desde os primórdios, os motivos são inúmeras, e conforme aponta Guimaraes (1999), as origens podem ser vistas pela diferença de sexo, pela conquista e ocupação de terras estrangeiras, pela escravização ou colonização de outros povos e, mais recentemente, pela migração de indivíduos de outras nacionalidades para Estados capitalistas mais ricos, na condição de trabalhadores. (GUIMARÃES, 1999- p. 104). Diante disso, a adoção errônea da definição do conceito de certas etnias serem vistas como seres-humanos, enquanto ser biológico, perfeito ou superior aos outros, trouxe a separação entre os seres por raças, que segundo Guimarães (1999) estabeleceu-se a partir desse conceito de “raças” uma justificativa para a subordinação entre indivíduos e povos de diversas etnias, que foram temporariamente sujeitos pelas armas, pela conquista, pela destituição material e cultural, e conseqüentemente pela pobreza. Entretanto, depois que a definição de “raça superior”, foi minada pela ciência, o motivo mais



consistente para o preconceito, consiste segundo Guimarães (1999), na suposta inferioridade cultural — em termos materiais e espirituais — de grupos humanos em situação de subordinação, que passou a ser a justificativa padrão do tratamento desigual praticado entre os seres humanos, tratando-se especificamente deste trabalho, iremos considerar as perspectivas de racismo entre indivíduos de uma mesma etnia, ou de maneira genérica, uma mesma raça/cor.

Esses pressupostos podem ser facilmente observados durante a leitura de *O planalto e a estepe*, visto que em diversos momentos da trama, o autor demonstra a existência do preconceito étnico-racial entre o próprio povo angolano, não só de brancos para negros, mas também de negros para com negros e de negros para com os brancos. O que seria talvez a demonstração de racismo mais comumente vista, a de brancos contra negros, torna-se evidente já na infância de nosso protagonista, posto que Olga, irmã de Júlio, repreende-o pela amizade com os outros meninos negros de sua idade, dizendo a ele “Devias brincar com os teus colegas de escola e não com esses” (PEPETELA, 2009, p. 12), e quando seu irmão lhe questiona o porquê, recebe a seguinte resposta de Olga: “Porque eles são pretos e nós brancos” (idem).

Nesse momento, percebe-se outro aspecto inerente do racismo de brancos para com negros, onde na escola frequentada por Júlio só aceitava brancos, isto porque durante o período da ditadura de Salazar, a escola fora usada como um instrumento de opressão utilizado pelo colonizador, conforme justifica Kabengele (1985 apud ALMEIDA s.d.):

Convencidos de sua superioridade, os europeus tinham a priori desprezo pelo mundo negro (...). A ignorância em relação à história antiga dos negros, as diferenças culturais, os preconceitos étnicos (...) mais as necessidades econômicas de exploração, predispuseram o espírito do europeu a desfigurar completamente a personalidade moral do negro e suas aptidões intelectuais.

Conforme corrobora Almeida (s.d.), o africano foi designado um ser primitivo e a colonização uma missão civilizatória que levaria a cultura à África. Dessa forma, o europeu entrou no território africano ignorando a existência de uma cultura local e iniciou um movimento de desculturação do negro e o seu distanciamento das tradições nativas. Esse processo de desculturação teve como principal aliado à educação. A escola foi então usada como um dos veículos de opressão utilizado pelo colonizador. Durante esse período, os poucos negros que conseguiam acesso a escola, eram submetidos a uma cultura dominante, onde a cultura europeia era imposta como superior e como sendo o único caminho para evolução do povo negro angolano.

As crianças eram instruídas a serem meros reprodutores dos padrões e cultura europeia, o que segundo Kabengele (1985), culminou em um processo de “desculturação”, apagamento da cultura nativa e imposição do modelo europeu. Porém, houve uma pequena parte de estudantes negros que encararam a educação como meio de libertação, recusaram o embranquecimento cultural e buscaram valorizar suas raízes e aceitar sua herança sociocultural, estudantes esses que, em sua maioria, acabaram se tornando militantes de movimentos pela independência de Angola, como exemplo o MPLA, movimento do qual participou Pepetela e também o protagonista de *O planalto e a estepe*, Júlio Pereira. Ainda na infância, o personagem relata outro aspecto do racismo, desta vez, entre os próprios brancos. Tal aspecto é percebido no trecho em que Júlio relata:

(...) mapundeiros era ofensa usada pelos outros brancos contra nós, por a nossa zona ser a Mapunda, onde se refugiavam os mais miseráveis dos brancos. No entanto éramos ricos se comparados com os negros nossos serviçais. (PEPETELA, 2009, p.18)

Nesse trecho, fica evidente a desigualdade social, que desencadeava o dito preconceito de branco para branco. Além do preconceito sofrido por Júlio, vindo da classe social, havia ainda o preconceito de classe pelo simples fato de que ele não abria mão de sua amizade com os meninos negros, onde se lê: “E quando nos viam, as meninas riam, lá vai o branco mapundeiro com os seus negros (...). Um branco com amigos negros era um branco estranho, malvisto. Subversivo.” (PEPETELA, 2009, p.21). Essa amizade ocasionou um fato que podemos considerar como um grande marco no percurso de Júlio, conforme relata o protagonista:

Um branco com amigos negros era um branco estranho, malvisto. Subversivo. Salazar não gostava dos subversivos e Salazar tinha muitos seguidores na cidade. Um dia dois homens com chapéu cinzento na cabeça encostaram-me a um canto do liceu. Então és tu o bolchevique amigo dos pretos... Só percebi uma coisa, me acusavam de ser amigo dos pretos por serem pretos, nem via bem as cores nem as cores têm importância. Era amigo dos meus amigos, isso sim. Eles não entenderam o que tentei explicar. Estamos de olho em ti, vê se tens juízo. (PEPETELA, 2009, p.21)

Depois desse fato, Júlio procurou seu professor de filosofia, e também pároco local, o qual lhe abriu os olhos em relação ao mundo real. Vidal (2013) define esse acontecimento como crucial para o despertar de sua consciência cidadã. Foi a busca pela compreensão da tarja de subversivo que lhe foi imposta pelo olhar do outro



quem o aproximará do mundo da Filosofia, alegoria do conhecimento libertador. O padre professor foi quem ensinou a Julio a diferença entre colono e colonialista, e lhe despertou os primeiros anseios pelo universo político:

Colonos são apenas pessoas que vão para outras terras, neste caso os que vieram de Portugal para cá porque lá morriam de fome. Colonialistas são os que querem que os africanos sejam sempre inferiores. (PEPETELA, 2009, p.23)

Pouco tempo depois, o padre acabou sendo transferido para um mosteiro isolado, mas tendo antes, deixado grandes reflexões, que foram fundamentais para guiar o percurso de Júlio, transformando-o num sujeito engajado com a ideologia independentista angolana. Nessa perspectiva, podemos observar a importância de pequenos fatos, que acabarão por culminar na formação político/cidadã do protagonista.

Ainda nos primeiros capítulos da obra, observa-se outra face do racismo, talvez a mais inusitada: a de negro contra negro. Tal fato fica explícito na situação em que Julio descreve uma das visitas que fez às cubatas das prostitutas, onde as moças recusavam-se a deitar com negros: “O dinheiro é igual, disse o João. – Pois, mas a cor não é. Disse a irmã (...). Racismo de negro para negro?” (PEPETELA, 2009, p.18). Nesse momento, a prostituta justifica-se declarando que: “Porque se um branco souber que me deitei com um negro, não vai querer se deitar mais comigo. E os brancos é que têm dinheiro. Racismo sim, mas dos brancos.” (idem)

Já na fase adulta, após ter se politizado totalmente, Julio adere de vez ao movimento pela libertação da Angola, quando ele sentia-se preparado para ir para as frentes de batalha, é surpreendido pela informação de que seria enviado para a URSS, onde seu foco seria dedicar-se aos estudos na área da Economia, para posteriormente auxiliar ao MPLA nas questões burocráticas, diante disso, o protagonista desabafa:

Pouca ou nenhuma rentabilidade no trabalho, mas pleno emprego, norma nunca confessada, mas sendo o verdadeiro eixo do sistema socialista. Todos se sentiam úteis, sem noção de serem quase inúteis. Gente feliz, portanto. (PEPETELA, 2009, p.73).

Ainda nessa perspectiva de frustração, o personagem pontua: “Ainda não eram suficientemente angolanos para arriscarem a vida na luta pela nação.” (PEPETELA, 2009, p.33). Nesse contexto, Xitu (1991, apud SÁ, 2004), afirma que o fenômeno racismo não é estático; ele adapta-se às circunstâncias, ao meio, aos fins políticos, econômicos, sociais, é manipulado para se atingirem os mais variados objetivos, sejam eles nobres ou obscuros, é uma arma que alguns utilizam as mais diversas maneiras e até para simples deleite.

A partir dessas perspectivas, levam-se em consideração as características da literatura pós-colonial, que leva em conta a biografia do autor, que, nesse caso, pode relatar fatos com precisão, visto seu envolvimento com o movimento pela independência, onde em diversos momentos confunde-se a ficção com a vida real de Pepetela, sendo perceptível que o autor faz dos personagens ou mesmo do narrador seu alterego, ao passo que se confunde falas já ditas pelo autor em outras ocasiões com diálogos entre os personagens.

### 3.3 PSEUDO COMUNISMO / SOCIALISMO

De acordo com Pires Laranjeira (2001, apud SANTOS, 2011), a partir de meados da década de 1980, a crítica de matiz social e político tornou-se uma das mais fortes temáticas orientadoras das literaturas dos países africanos de língua portuguesa, dando-se a passagem de uma fase de grande empenho político para outra caracterizada pela crítica ao “comunismo”, ou ao que se pode chamar de pseudo-comunismo. No início dos anos de 1990, quando a tão almejada independência em relação a Portugal foi alcançada, autores angolanos aderiram ao movimento literário pós-colonial e passaram a descrever o que se ocorreu em Angola durante o período pré-independência e, conseqüentemente, no pós-independência, em que a realidade mostrada na prática influenciou fortemente a literatura do país, levando-a da utopia pré-independência à desilusão que veio a ser o período pós – colonial.

Conforme se observa no decorrer de *O Planalto e a Estepe*, Júlio vai percebendo as contradições entre a teoria e as atitudes dos líderes pró-libertação. Isso começa a se evidenciar a partir do momento em que Júlio se apaixona por Sarangerel. Quando o romance é descoberto pelo pai da moça, este acaba por proibir o relacionamento e a levando para Mongólia. Júlio recorre à cúpula da URSS, pedindo apoio em relação ao seu relacionamento com a mongol, mas tem seu pedido negado e nem mesmo a gravidez de Sarangerel comove seus pais. O grande influente no processo de desilusão de Júlio é Jean Michel, o qual pode ser considerado o alterego do próprio Pepetela. Por meio deste personagem, fazem-se duras críticas aos movimentos comunistas da época, como se pode observar nos seguintes trechos:

meu velho, deixa-te de ilusões, o internacionalismo proletário é uma treta, a amizade indestrutível entre os povos é outra, o que conta é que tu não és mongol, portanto, és um ser inferior. (PEPETELA, 2009, p.64)



Nessa perspectiva Jean Michel se refere ao romance de Júlio e Sarangerel, que fora negado mesmo com as relações próximas firmadas entre a Mongólia, a URSS e o MPLA, que se diziam socialistas, mas praticavam o preconceito étnico e social entre os próprios membros do movimento, evidenciando que de democrática e popular a Mongólia tinha apenas o nome. Jean Michel, tentando conscientizar Júlio, ainda conclui dizendo que:

Jean Michel se refere ao romance de Júlio e Sarangerel, que fora negado mesmo com as relações próximas firmadas entre a Mongólia, a URSS e o MPLA, que se diziam socialistas, mas praticavam o preconceito étnico e social entre os próprios membros do movimento, evidenciando que de democrática e popular a Mongólia tinha apenas o nome. Jean Michel, tentando conscientizar Júlio, ainda conclui dizendo que:

(...) há racismo, e o racismo nem sempre é de branco contra negro ou de negro contra branco, há entre todos os grupos. E o marxismo não extirpou esse cancro, meu irmão, podes crer. (PEPETELA, 2009, p.68).

É evidente que o descontentamento por parte dos próprios membros do movimento passa a gerar uma série de conflitos internos que resultam na desfiliação de muitos, ou mesmo, no súbito desaparecimento de alguns. Nesse trecho, o companheiro de Júlio compara o preconceito a um câncer, que sobressai a qualquer ideal de igualdade pregada pelos membros dos movimentos que buscavam o socialismo. Posteriormente, Jean Michel virá a ser assassinado por expressar de forma dura sua insatisfação com o movimento.

Pode-se observar que a crítica relacionada aos movimentos socialistas e comunistas descrita na obra vai muito além de Angola, tomando dimensões mundiais, demonstrando que não apenas os movimentos Angolanos, mas também, russos e mongóis praticavam atos que não coincidiam com suas teorias socialistas ou mesmo comunistas. Dessa forma, o autor sinaliza em sua obra:

Havia golpes e contragolpes na pátria perfeita do socialismo, cartas debaixo da mesa, pior, facas escondidas nos casacos, sangue escorrendo pelas paredes. /.../ Ensinam-nos a pureza das ideias, mas praticam todas as sujidades. (PEPETELA, 2009, p.48)

De acordo com Oliveira (2014), o internacionalismo propagado pelo socialismo tornou-se uma via de mão única utilizada apenas para o atendimento de interesses privados reservados às lideranças estatais, onde segundo ele a burocracia estatal fechou-se numa política de troca de favores e privilégios, não somente na União Soviética, mas também em todas as nações seguidoras das ideias socialistas.

Pouca ou nenhuma rentabilidade no trabalho, mas pleno emprego, norma nunca confessada, mas sendo o verdadeiro eixo do sistema socialista. Todos se sentiam úteis, sem noção de serem quase inúteis. Gente feliz, portanto. (PEPETELA, 2009, p.73)

O próprio Pepetela, em entrevista a uma revista portuguesa, anos depois de ter vivenciado a guerra pela libertação, e posteriormente a Guerra Civil travada em o MPLA e a Unita, demonstra sua insatisfação para com o movimento do qual participou por várias décadas:

Tenho tido grandes desilusões e, caminhando para velho, estou mais céptico. Era extremamente otimista em relação à humanidade, hoje sou menos. Repetimos sempre os mesmos erros. Parece que a humanidade não aprende. Quando me perguntam como vai ser o futuro respondo: o futuro vai ser como foi hoje ou como foi ontem.

O narrador viaja por um tempo subjetivo, como já sugere o subtítulo, “dos anos 60 aos nossos dias”, trazendo reflexões acerca de o que se era esperado, e o que de fato culminou o movimento que buscava a libertação de Angola do governo português, como conclui o narrador:

Não construímos a sociedade do futuro, nem a mais justa, como prometemos aos povos do mundo. Antes pelo contrário, criamos tremendas injustiças em todos os países onde tentamos espalhar a revolução, na Europa ou fora dela. Nós soviéticos vamos pagar caro, mais caro que os outros. O sistema não vai aguentar estoura por algum lado, só não sei quando. (PEPETELA, 2009.p.135).

Desta forma, é evidente que desde os primeiros preceitos de descontentamento de Jean Michel para com o movimento, o que acaba refletindo em Júlio, mostra-se aplicável à realidade, como é possível perceber na história de Angola, desde os tempos da ditadura, perpassando pelo longo período das guerras libertárias posteriores a Guerra Civil que tomou conta de todo país e que chega à atualidade, visto que, mesmo depois de décadas, a Angola almejada pelo MPLA nas teorias, ao menos na prática, ainda não foi alcançada, nem mesmo os preceitos iniciais do socialismo, os quais visavam um país capaz de promover igualdade social e estabilidade econômica.



### 3.4 AS FIGURAS DE LINGUAGEM

De acordo com Puglia (s/d), como uma das principais características dos autores pós-coloniais, tem-se o uso de figuras de linguagem como a metonímia, a alegoria e a metáfora, com intuito de garantir a eficiência da crítica à estrutura social angolana, mesmo diante das limitações de forma e espaço que, muitas das vezes, marcam a estrutura literária.

Na obra *O Planalto e a estepe*, Pepetela faz críticas e denúncias relacionadas aos movimentos libertários e às nações socialistas democráticas. Em meio a isso, o autor nos traz fortes características do universo poético, como o ritmo, a presença do mito e as figuras de linguagem, que, aliados ao tempo e ao espaço, conduzem todos os demais elementos da obra para uma forma diferente de narrar, conforme pontua Camargo (2006). Ao longo de toda obra, além dos aspectos sociais, políticos, étnico-raciais e religiosos, também se observa uma vasta riqueza de figuras de linguagem trazidas por Pepetela nas entrelinhas.

Como podemos perceber, o próprio título nos traz uma metonímia, caracterizando a geografia do local de onde os personagens centrais são oriundos. O planalto faz referência às superfícies planálticas características da região sul da Angola, mais precisamente, a Zona Montanhosa de Huíla, terra natal de Júlio, enquanto a estepe nos remete às vastas planícies e pastagens asiáticas, predominantes na Mongólia, de onde vem Sarangerel. Aproveitando-se disso, o autor ainda usa desses aspectos geográficos, para demonstrar a aversão entre as origens dos personagens, partindo inicialmente da geografia, chegando até as questões sociais e políticas.

Pepetela aproveita-se das metáforas para dar ênfase às características tanto dos personagens como dos lugares onde a história se passa. Quando, logo no primeiro encontro, Júlio sentiu-se atraído pela moça, o personagem fala: “Ousei lhe chamar de Lua Cheia (...)” (PEPETELA, 2009. p.135), o personagem se vale de uma metáfora, ao verificar que a cara redonda de sua amada se parece com a lua quando esta na fase Cheia. Posteriormente, Júlio seria informado de que o significado do nome de Sarangerel vem a ser Luar, assim, o que para ele parecia um mal entendido, passou a ser o início de um diálogo que se tornaria uma longa história de amor.

Quando Júlio e Sarangerel se encontram pela primeira vez, depois de trinta e cinco anos separados, Júlio descreve o ódio que sentiu dos pais de Sarangerel durante todos esses anos, diferenciando o sentimento que o tomava do sentimento frio dos asiáticos, pois o sentimento de o queimava e consumia por dentro, tanto que ele o compara com a fúria e o calor de um vulcão: “Ódio vulcânico, tórrido, não o frio dos chineses que se consome com a vingança (...)” (PEPETELA, 2009. p.155).

Retornando aos primeiros encontros de Júlio e Sarangerel, pode-se analisar outro exemplo entre as tantas metáforas utilizadas por Pepetela, onde se lê “No entanto, na cabaça da manteiga não se faz hidromel. Nem as vacas nem as abelhas deixariam.” (PEPETELA, 2009, p.51). Aqui, o autor aproveita-se da metáfora para ilustrar o racismo étnico-racial que os cerca e a incompatibilidade e inaceitabilidade da mistura das raças, onde “as vacas” e “as abelhas” representam os acordos políticos firmados entre suas nações que impossibilitam seu relacionamento, e, sobretudo, a família de Sarangerel, que fora contra a relação dos dois desde que o caso veio à tona.

## 4 CONCLUSÃO

Por meio deste trabalho de pesquisa, foi possível analisar resquícios da colonização no discurso literário como forma de crítica ao processo colonizador, bem como analisar aspectos inerentes ao contexto histórico presente no livro como a questão do pseudo-comunismo, do descontentamento do narrador, frente às práticas dos países aliados no processo de implantação do socialismo. Além disso, foi possível observar os aspectos artísticos utilizados pelo autor, a saber: a riqueza no uso das figuras de linguagens e termos oriundos da Angola, de forma a enaltecer o quão rico é o cenário cultural angolano, nesse caso, especificamente a obra *O planalto e a Estepe*, de Pepetela. Desse modo, acredita-se que Pepetela amplia os conhecimentos acerca da história de Angola, permite ao leitor uma viagem junto à história de Júlio e Sarangerel, as personagens principais e, ainda, conhecer sobre a Literatura Africana Lusófona.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Aline Casati. **O Papel Dual da Educação em Angola Colonial: Instrumento de Repressão ou Agente Transformador da Realidade?**. União dos Escritores Angolanos. Disponível em: <<http://www.ueangola.com/criticas-e-ensaios/item/322-o-papel-dual-da-educa%C3%A7%C3%A3o-em-angola-colonial-instrumento-de-repress%C3%A3o-ou-agente-transformador-da-realidade>>. Acesso em 22 abr 2015.

CAMARGO, Luciana Moura Colucci de. **The God of Small Things: Uma Narrativa Poética**. Itinerários, Araraquara, n. 24, p. 179-188, 2006. Disponível em: <[seer.fclar.unesp.br/itinerarios/article/download/2633/2311](http://seer.fclar.unesp.br/itinerarios/article/download/2633/2311)>. Acesso em 25 abr 2015.



Educação. Literatura. **O Planalto e a Estepe**. Disponível em:

<<http://educacao.globo.com/literatura/assunto/resumos-de-livros/o-planalto-e-a-estepe.html>> Acesso em 22 mar 2015.

FREIRE, Rita Silva. **Entrevista concedida por Pepetela a Rita Silva Freire: “Não se festeja a morte de ninguém”**. Entrevista a Pepetela. Revista Buala, 2012. Disponível em: <<http://www.buala.org/pt>>. Acesso em: 01 abr 2015.

GOMES, Aldónio.; CAVACAS, Fernanda. **Dicionário de autores de literaturas africanas de Língua Portuguesa**. Lisboa: Editorial Caminho, 1997.

GUIMARÃES, Antonio Sérgio Alfredo. **Combatendo o racismo: Brasil, África do Sul e Estados Unidos**. Revista Brasileira de Ciências Sociais- Vol. 14 nº 39, p. 103-117, 1999. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbcsoc/v14n39/1724.pdf>>. Acesso em 04 abr 2015.

LEITE, Ana Mafalda. Empréstimos da Oralidade na Produção e Crítica Literárias Africanas. In: **Oralidades & Escritas nas Literaturas Africanas**. Lisboa: Colibri, 1998.

Noticias Angola. **Pepetela, o guerrilheiro que se fez escritor**. Sapo Noticias, 2012. Disponível em: <<http://noticias.sapo.ao/vida/noticias/artigo/1277448.html>>. Acesso em 20 mar 2015.

OLIVEIRA, Adilson Vagner. **Literatura e política: as contradições do socialismo em “Planalto e a Estepe”**. Revista Ecos vol.16, Ano XI, nº 01, 2014. Disponível em: <[periodicos.unemat.br/index.php/ecos/article/view/40](http://periodicos.unemat.br/index.php/ecos/article/view/40)>. Acesso em 20 mar 2015.

Pepetela. **O Planalto e a Estepe**. São Paulo: Leya, 2009.

PUGLIA, Leandro. **Literatura Angolana: Utopias Pré e Pós-Libertação**. União dos escritores Angolanos. Disponível em: <<http://www.ueangola.com/criticas-e-ensaios/item/340-literatura-angolana-utopias-pr%C3%A9-e-p%C3%B3s-liberta%C3%A7%C3%A3o>> . Acesso em 31/03/2015.

SÁ, Ana Lopes. A Confluência do tradicional e do moderno na obra de Uanhenga Xitu. Luanda: UEA, 2004.

SANTANA, Ana Lucia. **Pepetela**. Disponível em: <<http://www.infoescola.com/biografias/pepetela/>> . Acesso em 22 mar 2015.

SANTOS, Donizeth. **Reflexões sobre O Planalto e a Estepe, de Pepetela**. Revista de Pós-Graduação em Letras UNESP – Campus de Assis. Miscelânea, Assis, vol.9, p. 31-41 ,2011. Disponível em:<[http://www.assis.unesp.br/Home/PosGraduacao/Letras/RevistaMiscelanea/Artigo\\_02-DonizethSantos.pdf](http://www.assis.unesp.br/Home/PosGraduacao/Letras/RevistaMiscelanea/Artigo_02-DonizethSantos.pdf) . Acesso em 22/03/2015>. Acesso em 20 mar 2015.

SPANKOVÁ, Silvie. **Literaturas africanas de língua portuguesa I**. Antologia de textos literários. 1. Brno: Masarykova Univerzita, 2014.

VIDAL, Francisco Élder Freitas. **Identidade e Mobilidade Angolanas na Ficção de Pepetela**. 2013. 134f. – Dissertação de Mestrado – Universidade Federal do Ceará, Programa de Pós-graduação em Letras, Fortaleza (CE), 2013. Disponível em: <<http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/8125>>. Acesso em 20 mar 2015.